



Deolinda da Conceição No Centenário do seu Nascimento

MARIA DE LURDES N. ESCALEIRA*

Nascida em Macau a 7 de Julho de 1913, Deolinda da Conceição deixa-nos um conjunto de contos e crónicas que constituem “um verdadeiro roteiro de emoções” (Rangel: 2007), dando-nos a conhecer Macau numa época assolada pela guerra sino-japonesa¹ e, no período pós segunda guerra mundial, faz a radiografia da sociedade fechada em que a mulher luta pela sua liberdade, pela igualdade de oportunidades e pelo reconhecimento social. Deolinda fala-nos da experiência vivenciada, descrevendo “com realismo e simplicidade, mas também com mágoa e incontida emoção, os dramas que testemunhou” (*ibidem*).

De Deolinda da Conceição, diz-nos Patrício Guterres,² seu amigo e colega de trabalho no *Notícias de Macau*, ter acalentado “dois grandes sonhos, que conseguiu ver concretizados [...]: visitar Portugal e publicar um livro. Este livro tem por título *Cheong-Sam. A Cabaia* e reúne um feixe de contos de temática chinesa e macaense, inicialmente dados à estampa na “Página Feminina”, que ela mantinha no *Notícias de Macau*.³

José dos Santos Ferreira (Adé)⁴ recorda-a (*Gazeta Macaense*, 23/09/1987) como uma mulher com um coração cheio de amor, inteligente, uma “esposa e mãe carinhosa que sofreu porque amou com verdadeiro

amor, a mulher instruída que marcou posição de relevo no campo das letras”. Ao lamentar o seu fim tão precoce, Adé afirma que “[g]rande foi o vácuo produzido pelo seu desaparecimento no meio literário em que evidenciou talento”.

Deolinda escreveu contos, reunidos em *Cheong-Sam. A Cabaia*⁵ e crónicas, publicadas no jornal *Notícias de Macau* com o qual colaborou durante vários anos e que desempenhou um papel importante na vida da autora.⁶ Aliás, a sua gratidão está patente no prefácio de *Cheong-Sam. A Cabaia*, obra que dedica ao *Notícias de Macau* e onde ressalta a figura de Hermann Machado Monteiro, proprietário do *Notícias de Macau*, a quem apelida de “metropolitano macaísta”. É ainda no prefácio que realça o papel da imprensa escrita, afirmando que, apesar dos recursos limitados, o *Notícias de Macau* “tem contribuído grandemente para a defesa dos interesses de Portugal e da minha terra, não só no Extremo Oriente como em todos os pontos onde ele vai levar as notícias de tudo quanto se faz em Macau para prestígio da Mãe-Pátria”.

A mulher está sempre presente nas suas análises sobre a vida, parecendo tratar-se de uma busca incessante pela compreensão do papel da mulher nos mais variados papéis e contextos e apelando a que ela se assumia como livre e igual ao homem, mas sem nunca renegar a sua feminilidade. A mulher deve exigir sempre respeito, enquanto mulher e profissional competente que participa em pé de igualdade na construção da sociedade.

Como colaboradora do jornal *Notícias de Macau* e responsável pelo “Suplemento Feminino” publica crónicas sobre a condição da mulher na sociedade de

Licenciou-se em Filosofia pela Universidade do Porto e em Gestão e Administração Pública pela Universidade de Macau. É mestre em Gestão e Administração Pública. Doutorou-se em Didáctica das Línguas pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É docente do Instituto Politécnico de Macau.

Graduated in Philosophy from Oporto's University and in Management and Public Administration from the University of Macau; M.A. in Management and Public Administration; Ph.D. in Didactics of Languages from Oporto's University's Faculty of Arts. Currently lecturing at the Macao Polytechnic Institute.

LITERATURA

Macau. Em “A mulher moderna”, 19/09/1949, fala da mulher que “vivera condenada durante muitos séculos” mas que, a partir do fim da primeira guerra mundial, adquiriu e tem vindo a aumentar a liberdade e passou a estar em todo o lado onde é reconhecida como “uma potência respeitável”. Mas, qual a diferença entre a mulher dos tempos antigos e esta mulher moderna nascida com o findar da segunda guerra mundial?

“A mulher moderna não é nem mais inteligente nem mais espirituosa do que aquela que só saía de casa aos domingos, acompanhada pela sua ama, para ir à Missa ou à procissão onde ia expôr uma piedade muitas vezes forçada e que não tinha senão o brilho do verniz da capa do livro que ela folheava distraidamente a fim de esconder a sua abstracção de momento.”

O que as distingue é a liberdade, que deu à mulher moderna a oportunidade de:

“cultivar o espírito, educar a sua natural inteligência, colocando-a ao pé do homem nas

escolas, universidades, institutos, tornando-a assim habilitada a ingressar no mundo que lhe era vedado até muito recentemente. A sua inteligência, o seu espírito, a sua visão política até, conseguiram que ela fosse admitida naqueles círculos restritos onde se discutem os destinos deste nosso planeta, onde a sorte da humanidade é pesada numa balança cujo fiel é regulado mais pela sagacidade que pela justiça ou razão. A sua presença faz-se sentir no campo científico, onde o seu concurso se tornou bem apreciável, ao campo literário tão povoado das suas criações, na arte, na música, enfim em quase todos os ramos da vida onde o homem imperava sem rival.”

Até o vestuário ganhou outra forma para se adaptar às novas actividades desempenhadas pela mulher, que passou a descer às minas, a trabalhar numa variedade de profissões que até então lhe tinham estado vedadas por serem exclusivas do mundo masculino. A guerra leva o ser humano a situações de desespero em

Deolinda, ao centro, com o pai, tio, irmãs e irmão.



que tem que ultrapassar os seus preconceitos e o *status quo* estabelecido e enveredar por caminhos que *a priori* pareciam estar vedados ou longínquos. É esta urgência de viver que leva a que algumas mulheres se vejam, de repente, transformadas em motoristas, mecânicas de aviação, correios, etc.

A mulher conquistou a liberdade com a força do seu trabalho e com o seu empenho, por isso não se deve dar a liberdades que “firam a sua sensibilidade feminina ou tornem o homem isento das suas responsabilidades que lhe eram impostas pelo código social”, porque quando a mulher sabe usar a sua liberdade coloca-se a um nível de igualdade do homem e não abdica do direito ao respeito alheio. Quando a mulher “interprete mal o sentido da verdadeira liberdade, o seu bem-estar, a sua segurança, ficam entregues à sua própria guarda e é então que ela se torna não livre, mas escrava de caprichos e paixões funestas”, porque “[a] liberdade, sobretudo quando é usada excessivamente, não liberta verdadeiramente a mulher”.

Em “A crítica”, 19/04/1952, retrata a condição e a fragilidade da mulher perante o “terror indizível” da crítica mal intencionada, destruidora do Outro, obrigando a calar sentimentos da alma e a abandonar sonhos que morrem antes de terem sido concretizados.

“O espectro da crítica mordaz e maliciosa aterra quase todas as mulheres [...] É triste este facto tão desmoralizador, responsável tantas vezes, por que se deixem de efectuar tantos projectos, tantas obras, que morrem mesmo antes de verem a luz das realidades, estrangulados pela crítica destrutiva e maliciosa.”

Desengane-se quem pensa que para evitar a hipocrisia social é necessário “satisfazer o mundo” porque a crítica:

“É um monstro sedento e insaciável. Vive da intriga e da maledicência, subsistindo principalmente de acontecimentos sensacionais que tendam a reduzir ao mínimo não só indivíduos como também obras. É dessa crítica detestável que as mulheres mais receio têm, porque não se sentem com forças para enfrentar o ridículo e as impertinências consequentes. Impertinências que se traduzem em palavras mordazes, em olhares insolentes e em sorrisos irónicos.”

A crítica atinge quem transgride os códigos sociais e, também, as “pessoas que encontram no espírito estímulo para registar com palavras e gestos tudo quanto



Deolinda e os seus dois primeiros filhos, José e Rui.

há de belo e nobre, tudo quanto seduz a sua alma ávida de belezas”. A crítica provoca graves prejuízos, “causa todos os dias danos incalculáveis”.

De certo Deolinda sentiu na pele os olhares maliciosos e a crítica mordaz de uma sociedade que ainda não estava preparada para aceitar uma mulher divorciada, casada em segundas núpcias, uma profissional num mundo de homens, uma mulher que assumiu a liberdade e igualdade de género como algo de intrínseco da condição feminina.

Assim, a crítica social é também debatida em “A época do Carnaval e o Carnaval da época!,” crónica publicada em 1952, onde, de forma muito objectiva, nos dá uma radiografia da sociedade da época:

“O carnaval de todos os dias, o carnaval das relações de conveniência, o carnaval das mentiras ditas com serenidade, o carnaval da hipocrisia mascarada de virtude, do vício vestindo o hábito da santidade, da intriga e da inveja, o carnaval dos apertos de mão escondendo intenções reservadas, dos sorrisos a encobrir projectos maldosos, da honestidade a disfarçar ambições ilegais, enfim o carnaval que a época presente vive, esse é que é o verdadeiro carnaval. Olha-se em roda e o cortejo carnavalesco não tem fim. [...] o carnaval de uma vida incompatível com a doutrina pregada, o carnaval das máscaras reluzentes de boa vontade, escondendo projectos criminosos, impera nesta época de mentiras e falsidades, de constantes afirmações feitas sem intenção recta.”

O seu desalento é enorme porque está convicta de que “o Carnaval da época, esse que preside a tantos actos sérios da vida, esse que domina até as nações e impera como déspota na Sociedade, esse jamais passará”,

LITERATURA

não sendo possível acalantar a esperança de um dia podermos viver numa sociedade isenta de hipocrisia.

A crítica social e a condição da mulher estão presentes em toda a obra, mas ao lermos os contos somos confrontados com relatos de guerra e, principalmente, com histórias de vidas cujos percursos são alterados e determinados pela guerra. Fala em “guerras e em atrocidades cometidas pelos japoneses em toda a China” (“*Cheong-Sam*”) e de uma China que “ardia ao fogo das batalhas sucessivas, e a sua gente prostrava-se, inanimada, num caos horripilante donde fugia até o sentimento humano” (*ibidem*). A guerra está presente nas vidas contadas e nos rostos espelhando miséria, desespero, fome, destruição das famílias e despertando sentimentos inusitados que ultrapassam o entendimento humano. A-Chung, incrédulo perante o seu acto tresloucado, exclama: “Maldita guerra! Maldita guerra, que tudo lhe levara e fizera dele um criminoso, um assassino, um pai sem coração, um homem sem raciocínio” (“*Cheong-Sam*”). No conto “Aquela mulher”, a sensibilidade da autora, perante o sofrimento do Outro, conduz-nos por uma vida que, a pouco e pouco, se vai degradando face ao empobrecimento progressivo que leva o homem ao desespero perante a visão de um futuro sem qualquer réstea de esperança. Aquela mulher é uma mãe que teve que fugir de casa carregando consigo os seus três filhos e as marcas de uma vida abastada (cabaia de bom corte, gestos educados, etc.) para, aos poucos e poucos, as roupas irem ficando sujas, os sapatos ficarem rotos e mais tarde desaparecerem, a filha morrer de fome e de tristeza e, em desespero, vir entregar os dois filhos, únicos tesouros que lhe restavam, a uma família rica para que não morressem de fome.

Ainda no conto “*Cheong-Sam*” relata o cair na miséria mais profunda porque as actividades económicas foram afectadas e “[t]rabalho, só o tinham aqueles que se venderam ao inimigo cruel”. Esta ideia de degradação progressiva das condições de vida é visível em A-Chung e Chan Nui, filhos de comerciantes abastados, que saíram da sua terra para fugir à guerra mas foram apanhados no meio do conflito. A certa altura, o casal e os três filhos estão na mais absoluta miséria, rotos e esfomeados, porque “[a]s roupas melhores tinham ido, a pouco e pouco, parar às casas de penhores.⁷ As malas vazias seguiram igual caminho até que a sua fortuna ficou reduzida a dois cestos de verga, atados com cordas”.

Sem dúvida que a guerra está presente em grande parte das vidas dos personagens que Deolinda faz deslizar perante o nosso olhar para nos obrigar a reflectir sobre a profunda miséria e o enorme desespero dos seres humanos que são, por um lado, vítimas mas, por outro, são os mentores da própria guerra e das atrocidades. Em “*Cheong-Sam*” coloca na boca dos personagens principais uma crítica profunda à guerra e aos seus efeitos devastadores nos corpos e nas almas. Chan Nui pensa na decisão de ir dançar nos *dancings* da cidade:

“Que lhe importavam os preconceitos, as tradições, a decência, a dignidade e tudo quanto faz parte da vida normal, se aquela que viviam fugia a todas as regras que conhecera até ali? Se ele não conseguia trabalho, ela saberia conseguir os meios para prover ao sustento da família, ainda que para isso tivesse que vender a alma e o próprio corpo.”

No dia do seu segundo casamento com o seu colega do *Notícias de Macau*, Dr. António da Conceição.





No Hospital S. Rafael, aquando do nascimento do seu terceiro e último filho, António.

A sua repulsa pela guerra e pela crueldade humana levam-na a afirmar haver homens que “de humano só têm a forma e esses, infelizmente, não são poucos” (“*Cam-Sé*”).

É a guerra que na sua desumanidade semeia a fome,⁸ tema explícito em 14 dos 27 contos, que grassa por todo o lado, consome energias e leva ao desespero e à loucura. A jovem mãe amamenta o filho de poucos meses, mas o leite do seio materno “mal chegava para humedecer os lábios sôfregos” (“*Fome*”); em “*Aquela mulher*”, um relato pungente de uma mãe que no limite das suas forças e de desespero entrega os filhos para os subtrair a uma morte pela fome. Este gesto de extrema violência leva-a à loucura e atira-a para as ruas de Macau.

A fome leva os seres humanos a atitudes extremas e os mendigos esfomeados “[e]m atitude reverente, curvados em adoração silenciosa, ingeriam sofregamente aquele alimento repulsivo para a maioria dos homens”.⁹

É, ainda, a guerra que transforma Macau e nos mostra Deolinda, uma mulher sensível aos males, do corpo e do espírito, dos inúmeros refugiados que povoam as ruas. Cidade onde os extremos se tocam num dualismo carregado de branco e preto, Macau é “o cantinho abençoado”, um “oásis⁹ de paz”,¹⁰ uma “terra privilegiada”, “terra de promessa”, um “cantinho onde se podia desfrutar de uma relativa paz”. A nível do ambiente mostra-nos uma Macau transbordante de calma, sossego, beleza, encantamento, “[n]as ruas o sossego era completo, ouvindo-se apenas, de quando em quando, a buzina de um automóvel (“*Arroz e lágrimas*”). Neste conto, o ambiente nocturno é repleto de sossego, de beleza, um recanto da terra onde “o sono dos inocentes estava sempre povoado de imagens encantadoras [...] onde o relógio batia as doze badaladas”, um lugar de noites mágicas a fazer transbordar de alegria e exclamar: “Que maravilha uma vida assim”.

Toda esta magia é, bruscamente, quebrada e, então, ouvem-se choro, gritos de desespero, o sol que

LITERATURA



Deolinda e o marido numa recepção.

aquece os corações e faz as almas transbordar de alegria é, de forma abrupta, substituído pela chuva, frio, pela mais profunda escuridão da noite. Nas noites frias, grupos de homens, mulheres e crianças de “rostos amarelados pela fome constante” ficavam “acoradas nas arcadas e debaixo das árvores mais frondosas” esperavam que alguém lhes desse “um caldinho quentinho ou uma tigela de arroz”. Deolinda revela-nos a vida dos mendigos que não tinham um lugar onde pudessem descansar. Assim, em noites frias e chuvosas, juntavam-se nas arcadas e ficavam à espera que uma porta se abrisse ou de ouvir o ruído de passos, mas sempre sobressaltados com receio de ver surgir a sombra e de ouvir uma voz autoritária que os mandava dispersar porque era proibido juntarem-se nas vias públicas. Obedeciam e dispersavam em sentidos opostos para, pouco depois, se virem juntar no mesmo lugar, mais cansados e abatidos depois de terem andado às voltas.

Macau é uma cidade de contrastes onde, por um lado, há pessoas que entram nas padarias e se abastecem

de pão quentinho e, por outro, é uma cidade onde os mendigos vagueiam em grupo pela cidade,¹¹ povoando as ruas dia e noite, mirando atentamente as montras de restaurantes e padarias, esperando que alguém se compadeça e que lhes dê uma moeda para comprar arroz, talos de hortaliça e pedacinhos de peixe. Nesta cidade vê-se o desespero e a fome estampados nos rostos e, todos os dias, alguém morre de fome.¹²

Mas, Macau é solidária e acolhe os refugiados da guerra ou os que fogem à sorte ditada pelos costumes chineses.¹³ Neste cenário de sofrimento, as gentes de Macau revelam compaixão pelo Outro e as pessoas, ao sair das padarias, dão pão quentinho aos mendigos, outros dão algumas moedas, etc. Essa bondade é o motivo que a leva a redigir “*Sai Iong Cuai*”, onde nos fala de gestos de abnegação e do olhar para o sofrimento dos mendigos que:

“[s]em destino e sem esperanças de melhores dias, arrastavam uma existência cruel, com aquela apatia que roçava pela demência, uma

demência feita de dor e de incompreensão [...] cujos passos lentos e cansados os levavam sempre até junto das vitrinas das padarias ou restaurantes. Ali se quedavam, olhando fixamente o que lhes era interdito mas que representava a sua única ambição. De olhos esbugalhados, cabeças estendidas e os lábios entreabertos, contemplavam as apetitosas iguarias expostas ou então olhavam para os felizes mortais que penetravam ou saíam daqueles recintos onde a fome, a verdadeira e cruel fome, jamais entrou.”

Perante este quadro de miséria humana, um português torna-se o anjo dos mendigos e todas as noites aparece, carregando um saco “pesado”, e distribui “pelos infelizes pães quentinhos, tostados, adoçados com uma compota saborosa”.

Mais uma vez Deolinda recorre a esta dualidade e relata a sua experiência quando, numa noite em que está na calma e no aconchego do seu lar, é arrancada à sua leitura pelo choro insistente de uma criança que, na noite escura, pede à mãe que lhe dê arroz, e se compadece e vem à porta para dar pão para lhes matar a fome.



No Hotel Bela Vista com o marido, os filhos José e Rui e a irmã Áurea.

Não só nos relatos de guerra mas, também em grande parte dos contos, Macau é o lugar de encontro com o Outro, de confronto com o nosso mundo e entrada no mundo do Outro. Ao descrever o regresso de Chan Nui (“*Cheong-Sam*”) afirma que ela já “tinha aprendido a língua do novo mundo” e “era bem uma rapariga moderna [...]”. Os dois anos no mundo novo ficaram-lhe gravados numa personalidade

Deolinda da Conceição com alguns familiares.



LITERATURA

encantadoramente feminina”. No conto “O calvário de Ling Fong”, a jovem chinesa, trabalhadora de uma fábrica de panchões, sofre em silêncio a incerteza do seu amor por um soldado português, mas aceita tudo e atribui aquele comportamento estranho do seu amado aos costumes do *Sai Iong*.

Em “A esmola” vemos o encontro entre o homem português, normalmente soldado, e a mulher chinesa e o convívio entre as duas culturas que coabitam no mesmo espaço num paralelismo que, aparentemente, parece não ter pontos de contacto. A autora, através das reflexões e atitudes do filho do casal, revela o ambiente e o conflito de sentimentos provocado por esta situação de viver entre dois mundos tão distantes, não só no aspecto geográfico mas, sobretudo, de crenças e de atitudes perante a vida:

“O pai, sabia-o ele, tinha vindo de longe, da velha Europa, [...]. A mãe era aquela pobre mulher chinesa, ignorante, de pé descalço, [...] que o pai levava para casa um dia e ali se encontrava ainda numa situação indefinida, não se sabia se de serviçal, se de mulher sem a defesa do

matrimónio, mas sabia que era sua mãe [...] a mãe que ele amava no seu íntimo e de quem se envergonhava na sociedade.” [...]

Nunca os vira sair juntos, nunca passeavam em companhia um do outro, nunca trocavam impressões sobre a vida em comum. [...] o pai dava as ordens e a mãe limitava-se a cumpri-las servilmente.”

A diferença de costumes e o choque entre ambas as culturas é evidenciado pela forma como se vive e se resolvem os problemas do quotidiano, sendo que “[a mãe] comia com pauzinhos e “ele e o pai tinham talheres”. Na doença, o pai recorria a médicos europeus enquanto a mãe corria ao curandeiro. Depois eram as confusões.”

Mas, o Outro é também alvo de sentimentos que, para Deolinda, são menos nobres e merecedores de castigo divino. A jovem chinesa (“O refúgio da saudade”) apaixonou-se por um arquitecto ocidental e é correspondida de tal forma que, “apesar das diferenças que existiam no credo de ambos, no seu modo de encarar a vida”, ambos sonham com o casamento. A família do rapaz aceita-a, mas os pais da jovem não aceitam “um europeu para genro” e atraem a ira dos deuses, perdendo a filha para sempre.

Nesta Macau, que a autora tão bem conhece, nada parece escapar ao olhar atento de Deolinda e a questão das línguas é aflorada quando afirma (“A esmola”) ter o jovem macaense sentido necessidade de aprender as duas línguas, o português e o cantonês, “para se poder entender com os dois”. Relacionado com esta temática é referido, como característica de Macau, o facto de as famílias portuguesas terem empregadas chinesas¹⁴ e de as mais jovens aprenderem a falar português “brincando com os filhos dos patrões”. A dificuldade de os chineses aprenderem português é referida quando afirma que Anui falava “com desembaraço essa língua que os chineses tão dificilmente aprendem”.

Este mundo é também habitado pelo amor, sentimento quase sempre intimamente ligado ao sofrimento. Chan Nui (“*Cheong-Sam*”), após ter conhecido o “Novo Mundo”, casa para obedecer aos pais. Embora o amor não estivesse presente nesta união, ela respeita e admira o marido que, por ciúmes, a mata, deixando as três crianças sem mãe. A jovem empregada de uma fábrica de panchões (“O calvário de Lin Fong”) suporta tudo por amor a um soldado português que lhe promete levá-la a conhecer *Sai Iong* e

Os irmãos de Deolinda com as respectivas mulheres.





No bairro onde vivia com o marido e as irmãs Alice e Áurea.

que parte, deixando-a à espera que ele regresse a tempo de “recolher o primeiro vagido do seu filho”. Para além deste tipo de amor, Deolinda põe todo o seu sentimento para nos falar no amor maternal e no sofrimento da mãe que foge de casa e procura refúgio em Macau para evitar que a sua filha seja vendida, da mulher louca que vagueia pelas ruas depois de ter perdido os filhos, da mãe que vende a filha e, mais tarde, enlouquece após esta ter sido assassinada pela mulher do comerciante que a tinha tomado para concubina e de tantas outras mães que sofrem perante o infortúnio dos seus filhos.

Atenta à realidade de Macau, em “A esmola” mostra o amor de uma mãe chinesa que, apesar de o filho, fruto do seu relacionamento com um português, a ter proibido, corre ao cais para se despedir e, em troca, recebe uma esmola do filho que teme ser ridicularizado, em frente do seus colegas portugueses, por ter uma mãe chinesa.

É notória a sensibilidade da escritora ao trazer-nos imagens de pontos nevrálgicos de Macau, como

é o caso do Cais, lugar de partida e de chegada, onde todos acorrem para ver chegar os navios, para receber os que chegam ou para se despedir dos que partem para lugares distantes.

É, também, no cais que se passeia a hipocrisia, onde os conflitos sentimentais atingem o clímax e a desilusão e a esperança renascem ao cair do dia. Lin Fong vai ao cais, escondida dos olhares do mundo, e assiste à partida do seu soldado e aí regressa todos os dias, ao entardecer, para ver se o mar lhe traz notícias ou lhe devolve aquele por quem ela tanto anseia e o seu desespero dá sempre lugar a uma nova esperança que a faz aguentar as críticas do patrão e da mãe. É ainda no cais que o jovem macaense (“A esmola”) sente a hipocrisia dos que apareceram para se despedir dele e perante a visão da mãe, que ocorre para lhe dizer adeus, luta entre o amor filial e a vergonha de reconhecer perante a sociedade que é filho de uma chinesa sem educação.

As cenas do cais, vivenciadas ou imaginadas, atraem-lhe a atenção e é na hora da partida que se

LITERATURA



agudiza o dilema daquela mulher chinesa que luta entre o dever de ficar junto do marido e a vontade de acompanhar o filho que inicia a sua viagem para o Novo Mundo (“Conflito de sentimentos”):

“No cais movia-se uma multidão compacta que se acotovelava com aquele à vontade que prevalece sempre nas grandes aglomerações. O burburinho era ensurdecedor. Uns partiam, outros vinham apenas ver partir o grande navio que seguia rumo ao Novo Mundo.”

Esta mulher, desiludida com o amor, aceita que o filho vá para a América para escapar à miséria em que a família tinha caído e, perante a visão do seu marido velho e alquebrado, vive momentos de indecisão e de culpa, porque a sua educação chinesa lhe diz que uma mulher deve ficar com o marido mas, por outro lado, sente que o marido não merece qualquer tipo de consideração e, finalmente, opta por partir.

Ao longo das páginas vamos tomando contacto com alguns hábitos chineses arreigados nas pessoas e que traçam destinos. Deolinda dá-nos a conhecer usos e costumes chineses e, assim, ficamos a saber que a superstição é no “chinês uma das características que mais impressionam o estrangeiro” e mesmo aqueles que “assimilaram uma educação ocidental, não conseguem afastar do seu espírito alguns temores que nos parecem pueris, mas que têm uma explicação muito aceitável quando nos tentam justificá-los”. No conto “A promessa” conta-nos a história de um homem rico que faz oferendas aos deuses e promete que “a quantidade de azeite seria dobrada todos os anos; além de que distribuiria, por alturas do Ano Novo, um bodo a todos os pobres do lugar para que nunca mais surgissem lágrimas enquanto em sua casa se cantava e ria” desde que o seu filho mais novo recuperasse a fala. Os deuses ouvem o seu pedido e, no primeiro ano, este homem cumpre a sua promessa, mas, no ano seguinte, não faz a distribuição pelos aldeões, o que atrai a ira dos deuses e ele perde bens e família devido a um incêndio que lava na sua casa.

O casamento combinado pelos pais e a submissão à vontade dos progenitores perpassa dos vários relatos de vida (“*Cheong-Sam*”, “O refúgio da saudade”, “Arroz e lágrimas”, etc.), bem como a posterior submissão da mulher ao marido e à sogra. Os sinais de mudança vão-se anunciando nos gestos das mulheres que se revoltam

contra a sorte a que estavam destinadas numa sociedade onde o costume era lei a que tinha que obedecer em silêncio.

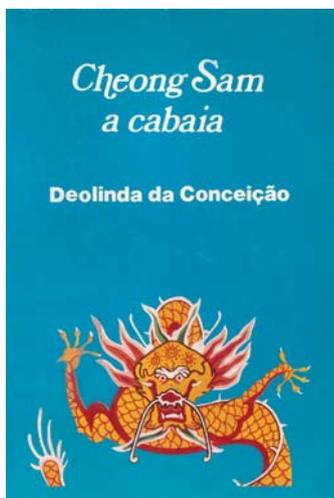
A obrigação da mulher dar ao marido um filho varão, o concubinato, a venda das meninas ainda crianças para servirem em casa de famílias abastadas, são ocasiões para a autora mostrar a fragilidade da mulher na sociedade e os sentimentos de amor, ódio, vingança e ciúme. Este tipo de tradições, enraizadas na sociedade chinesa, leva a atitudes que a autora recrimina mas que parece conhecer bem.

Assim, no conto “Os sapatinhos bordados de Anui”, uma mãe chinesa, perante a impossibilidade de dar um filho varão e sabendo que os sogros e o marido tencionam vender a sua filha Anui para arranjar dinheiro que lhe permitisse “requestar moça forte e robusta” que lhe desse um filho, decide cortar com a tradição de submissão da mulher ao marido e aos sogros. Assim, para que Anui não seja vendida, tal como tinha acontecido a todas as filhas que tivera, revolta-se e foge para Macau.

No aeroporto de Lisboa, no dia do seu regresso a Macau.



LITERATURA



O concubinato é referido em vários contos, quer como tema central quer como colateral, apresentando-o como uma prática normal na China mas, também, como algo que começa a não ser aceite pela mulher chinesa e que acaba por causar a desgraça e a ruína do sentimento de

união familiar, sendo mesmo a causa dos azares e de decisões trágicas. São vários os casos de homens que compram crianças e as tomam como concubinas, de inveja e intrigas familiares entre as várias concubinas, de traição, vingança e morte perante a prática do concubinato.

A revolta da mulher perante este costume é a única forma de luta ao seu alcance porque não há lei que a proteja e que obrigue o homem a não ter concubinas, por isso, em “Conflito de sentimentos” fala da mulher chinesa, nascida e criada na América e habituada a discutir as tradições chinesas, que declara não aceitar o concubinato e acaba por abandonar o marido, porque este não cumpriu a sua promessa e arranjou várias concubinas.

Podem-se encontrar ainda referências a hábitos alimentares onde o arroz surge com algum destaque porque “o arroz era coisa indispensável”. Os aspectos gastronómicos são, durante os anos de guerra, muito condicionados pela dificuldade de acesso aos alimentos, mas fala-se de arroz, pão – “pães quentinhos, tostados, adoçados com uma compota saborosa” – talos de hortaliça, peixe salgado, caldo – caldinho quente como esmola para os mendigos – e algas para preparar remédios para os doentes.

Relativamente às actividades económicas há referências ao comércio familiar: venda de arroz e de

Deolinda e outras senhoras de Macau.





Com as cunhadas Celeste e Olívia, mulheres dos irmãos do marido, e Anita, irmã do marido.

vinho (“*Cheong-Sam*”), pesca – “os juncos regressavam da sua faina da pesca” –, fabrico de panchões (“O calvário de Lin Fong”), as padarias onde se compra pão quentinho (“*Sai long Cui*”).

Entre os vários retratos de Macau referimos alguns que nos despertaram especial interesse, no entanto, a obra é riquíssima em descrições da vida das gentes e da cidade de Macau. Fala-se nesta obra de passeios na marginal da Praia Grande a observar os juncos, de reuniões familiares nas noites frias (serões), do clima, das actividades económicas, da gastronomia, do ambiente em geral, etc.

Da obra de Deolinda ressalta a sua atitude atenta e a sua preocupação em colocar o leitor perante a condição humana, em especial da mulher que vive condenada pelos usos e costumes e que é vítima da crítica que lhe colhe os movimentos e lhe gela a alma, e o apelo à liberdade e igualdade do ser humano e ao assumir da nossa condição humana como seres que nascemos para ser felizes e que, portanto, devemos condenar a guerra e minorar o sofrimento do Outro.

CONCLUSÃO

Ao longo desta reflexão sobre a obra de Deolinda da Conceição foram identificadas algumas das temáticas que, em nosso entender, são descritas com sensibilidade e clareza por Deolinda, macaense, professora, cronista, tradutora e, sobretudo, mulher e mãe atenta e chocada com a violência da guerra, a crueldade e a hipocrisia dos homens. Certo é que a obra vai muito para além do que aqui foi referido, daí que, apelamos a uma leitura e estudo tanto de *Cheong-Sam. A Cabaia* como das crónicas publicadas no jornal *Notícias de Macau*. Através do olhar de Deolinda Conceição podemos descobrir Macau e tomar contacto com um conjunto de problemáticas cujo debate ainda hoje é relevante, tanto para compreendermos o passado como para melhor entendermos o presente.

Falar da obra de Deolinda da Conceição remete-nos para um livro de 27 contos e algumas crónicas dispersas o que nos pode parecer pouca coisa, no entanto, “[b]astou este seu único livro para a consagrar

LITERATURA

como contista, na opinião autorizada e insuspeita de João Gaspar Simões, Amândio César e outros críticos literários de renome”.¹⁵

No centenário do nascimento da escritora macaense, revisitamos a sua obra para, do ponto de vista do leitor, apresentar algumas reflexões sobre a visão da Macau de meados do século passado e, de algum modo, contribuir para a divulgação de uma escrita que nos aproxima do Outro que vive ao nosso lado e nos leva a compadecer perante a miséria e o sofrimento que, não raras vezes, levam à loucura. “Deolinda da Conceição é um nome de que Macau e as suas gentes bem se podem orgulhar” (José dos Santos Ferreira, *Gazeta Macaense*, 23/09/1987).

Por último gostaria de trazer para a cena o debate sobre a importância de estudar os escritores de Macau e dos que escreveram sobre este pequeno território e as suas gentes. A maioria tem consciência do relevo desta herança, mas, quando se trata de responsabilidades, somos levados a apontar para as instituições governamentais, que têm um papel fulcral na liderança deste processo de investigação e divulgação, e, frequentemente, esquecemos que cada um de nós tem nas suas mãos uma parte da responsabilidade. De facto, leitores, docentes, investigadores, responsáveis de instituições de ensino e investigação, tradutores, isto é, cada um de nós, têm à sua frente um mundo a descobrir e a divulgar. **RC**

NOTAS

- 1 Segundo, João F. O. Botas (*Macau 1937-1945. Os Anos da Guerra*, p. 29) “Macau vive o período mais negro da sua história. [...] um novo gigante oriental desafiava um minúsculo ponto no mapa mundial”. Para João Guedes (*ibidem*, pp.13, 23) “[d]urante a chamada “Guerra do Pacífico” (1939-45) Macau viveu um dos mais conturbados períodos da sua história de quatrocentos anos [...] o Japão, depois de ter submetido a China do Norte e a Coreia, iniciou a sua expedição militar para Sul com vista a ocupar todo o litoral da China. [...] Foram oito anos de guerra e terrível neutralidade porque Macau passou”.
- 2 *Gazeta Macaense*, 23/09/1987.
- 3 Por este jornal passaram figuras ilustres entre as quais Luís Gonzaga Gomes, Deolinda da Conceição e Adé dos Santos Ferreira.
- 4 Em 1987, no tributo a Deolinda da Conceição, Adé dos Santos Ferreira retrata-a como uma “mulher de fino trato, dotada de um coração singular sedento do bem e da perfeição, levou quase a vida inteira a lutar pelos seus ideais, sempre confiante no triunfo, mas só naquele que desejava alcançado por via da rectidão e méritos próprios”. A escritora possuía uma “firmeza de carácter”, era uma “trabalhadora activa, intransigente nos seus princípios honestos e justiceros [...] dedicada aos amigos”, capaz de “compreender infortúnio alheio”, generosa e sempre pronta a socorrer os necessitados. Na voz de Adé, Deolinda era “[e]xtremamente sensível às coisas belas da vida, sempre idealizadora, imaginativa, escritora macaense de valor, que dignificou e amou Macau.
- 5 Publicada, pela primeira vez, em Lisboa em 1956 e mais tarde reeditada em Macau.
- 6 Na homenagem por ocasião do 30.º aniversário do seu falecimento Patrício Guterres afirmava ter sido “nas colunas deste jornal que ela revelou o seu inegável talento literário”. De salientar que era a única mulher numa redacção de homens e que como responsável pelo Suplemento Feminino tratou de um tema pouco discutido na sociedade de Macau, o papel mulher na sociedade.
- 7 É interessante notar a subtilidade e o conhecimento, por parte da autora, dos usos e costumes de Macau e da China onde as casas de penhores aparecem como recurso normal quando se pretende resolver problemas financeiros. Luís Gonzaga Gomes (1994) escreve: “Não há visitante estrangeiro, primeira vez chegado a qualquer cidade chinesa, que não fique surpreendido com umas estranhas e sombrias construções com aspecto de torres de vigia, que surgem espalhadas

- em óptimas situações estratégicas, dominando com a sua rígida altura o confuso e baixo casario de diversos bairros. [...] Ora esses edifícios maciçamente construídos de tijolo cinzento, embora fossem capazes de sustentar um assalto, não se integravam contudo no sistema de fortificações das cidades chinesas, pois são simplesmente ‘casas de penhor’, uma das instituições das mais importantes, na curiosa e complexa sociedade chinesa”.
- 8 A fome que assolou Macau durante os anos da guerra sino-japonesa tem sido relatada por vários autores e é o mote da obra *Macau 1937-1945. Os Anos da Guerra* de João F. O. Botas, uma compilação de “[r]elatos de fome, crueldade, doença, violência e morte”. Neste livro fala-se de turbas de mendigos que vagueiam pelas ruas esfomeados, procuram incessantemente comida mesmo nas fezes e nos vômito dos soldados japoneses e refere terem existido casos de antropofagia e de venda de carne humana.
- 9 Sobre a fome extrema que assolou Macau aconselha-se a leitura de *Macau: 1937-1945. Os Anos da Guerra*, da autoria de João F. O. Botas.
- 10 A ideia de Macau como um lugar abençoado, um porto de abrigo, um oásis de paz, está presente em vários autores e enraizou-se no espírito das suas gentes. Na revista *Mosaico* (n.ºs 65-67), Marques de Oliveira termina o seu artigo “Macau através dos tempos” afirmando: “Oásis bendito, que a todos recebe sem distinção de raças, de credos ou de políticas, vai singrando dia a dia couraçada apenas na sua obra civilizadora, na assistência social prestada, na missão de ensino e de alargamento da Fé, que não na força das armas” (p. 61).
- 11 “A população de pouco mais de 200 mil almas passou, de repente, para mais de meio milhão. Num ínfimo espaço habitado por um mosaico de povos, os contrários foram sendo conciliados numa diplomacia quotidiana marcada pela fome e pela morte mas também pela solidariedade e esperança de melhores dias” (João F. O. Botas, *Macau 1937-1945. Os Anos da Guerra*, p. 25).
- 12 A fome é, sem dúvida, uma das mais graves consequências da guerra e faz-se sentir em Macau onde, apesar da posição de neutralidade de Portugal no conflito, os japoneses exercem, de forma discreta, um controlo apertado e onde os alimentos chegavam em pouca quantidade e quase sempre produto de contrabando. Na obra de João F. O. Botas, a que temos vindo a aludir, há relatos de crianças que apareciam esquarteradas e das mais imprevisíveis e desumanas formas de procurar qualquer coisa com que se pudesse matar a fome.

LITERATURE

- 13 Na sociedade chinesa existe uma enorme pressão sobre as mulheres que estavam como que obrigadas a dar um filho varão ao marido, para que pudesse perpetuar o nome da família. Nessa época havia o costume de vender as raparigas para resolver problemas financeiros da família o que levou a que algumas mulheres procurassem refúgio em Macau.
- 14 Este facto pode parecer estranho ao leitor visto, hoje, as famílias portuguesas terem, quase sempre, empregas filipinas, no entanto, quando cheguei a Macau, em 1987, a maioria das empregadas era chinesa e estavam no Território como ilegais. Antes da transferência de administração ocorreram três momentos de legalização dos chineses ilegais: Março de 1982, Janeiro de 1987 e Março de 1990 (conhecida como 3.29). No dia 29 de Março de 1990, face à pressão exercida pelos chineses ilegais, foram registados 31 200 pessoas (Fonte: “Relatório do Estudo sobre a Vida e as Necessidades dos Novos Imigrantes em Macau”, Macau, Instituto de Acção Social, 2003).
- 15 Patrício Guterres, *Gazeta Macaense*, 23/09/1987.

BIBLIOGRAFIA

- Brookshaw, D. “Introduction to Deolinda da Conceição”. Disponível em <http://www.arscives.com/deolinda/introduction.htm>
- Botas, João F. O. *Macau 1937-1945. Os Anos da Guerra*. Macau: Instituto Internacional de Macau, s.d.
- Conceição, D. *Cheong-Sam. A Cabaia*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1995.
- . “A mulher moderna”. *Notícias de Macau*, 19/11/1949.
- . “A época de Carnaval e o Carnaval da época”. *Notícias de Macau*, 23/02/1952.
- Gazeta Macaense*, 23/09/1987. “Evocação de Deolinda da Conceição”. Disponível em <http://www.arscives.com/deolindaconceicao/depoimentos1.asp>.
- Gomes, Luís Gonzaga. “Casas de Penhor”, in *Chinesices*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1994.
- Mosaico* n.ºs 65-67, Janeiro/Março de 1956. Reimpressão: Macau, Fundação Macau, 2000.
- Rangel, Jorge. “Falar de Nós”. *Jornal Tribuna de Macau*, 21/05/2007.